

Entre Exu e o Diabo:

O discurso da “Umbanda ocultista” na literatura e a continuidade da demonização

Léo Carrer Nogueira

da Universidade Estadual de Goiás – Morrinhos – Goiás – Brasil

leo.nogueira@ueg.br

Resumo: Nesta pesquisa analisamos a construção de um campo discursivo que denominamos de “Umbanda ocultista”, formado entre as décadas de 1950 e 1980 por intelectuais umbandistas como Aluizio Fontenelle, Teixeira Neto e José Bittencourt. Esses autores, influenciados por correntes esotéricas europeias e pela literatura ocultista de Eliphas Levi, elaboraram narrativas que associaram Exu ao Diabo cristão, reforçando a tradição de demonização dessa entidade presente desde os relatos coloniais até os primeiros estudos sobre religiões afro-brasileiras. A partir da análise das obras desses intelectuais, observamos a sistematização de hierarquias demonológicas e a tentativa de justificar a presença de Exu e Pomba-gira nos rituais da Umbanda e da Quimbanda. O estudo evidencia como esse discurso promoveu tanto a continuidade do imaginário negativo em torno de Exu quanto relativizações dos conceitos de bem e mal, interpretando a prática do mal como um meio para a realização do bem. Ao final, conclui-se que a “Umbanda ocultista” não corresponde a uma prática ritual consolidada nos terreiros, mas a uma elaboração intelectual que ilustra o embate entre religiosidade popular, ocultismo europeu e as tensões sociais em torno das religiões afro-brasileiras no Brasil.

Palavras-chave: Umbanda. Quimbanda. Exu. Ocultismo.

Introdução

A demonização de Exu se iniciou séculos atrás, no próprio continente africano, quando diversos viajantes europeus e estadunidenses passaram pela região dos reinos Iorubas e, em contato com estes povos, deixaram registros escritos de suas experiências ali vividas. Nestes relatos, alguns destes viajantes, como o padre Noel Baudin e o Coronel Ellis, descreveram a divindade Exu, cultuada pelos iorubas, como maléfico, diabólico, portanto, como o demônio dos africanos (Nogueira, 2022).

Tais associações perpassaram o tempo e o espaço, sendo reproduzidas no Brasil no início do século XX, tanto por praticantes das nascentes religiões afro-brasileiras de origem ioruba, quanto por pesquisadores e intelectuais que se dedicaram a estudar esse novo campo religioso que se estruturava na Bahia e em outros estados brasileiros. Nina Rodrigues e Artur Ramos, por exemplo, reproduzem algumas das análises feitas pelo Coronel Ellis, bastante lido no Brasil neste período, mantendo a associação de Exu ao Diabo bastante viva no imaginário brasileiro (Nogueira, 2022).

Diante deste cenário, caberia a alguns intelectuais da Umbanda analisar e justificar a presença de Exu nos rituais de sua religião. A nascente religião, que seria reconhecida de forma oficial no início dos anos 1940, no Rio de Janeiro, após a realização do I Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, teria diante de si o desafio de buscar aceitação social, inserida num contexto de racialização que criminalizava as práticas religiosas afro-brasileiras (Maggie, 1992).

Como a religião umbandista não possuía livros sagrados, e pelo caráter intelectualizado e de classe média de alguns de seus adeptos, especialmente aqueles que se diziam filiados à “Umbanda branca”, inúmeros intelectuais umbandistas surgem neste período com o objetivo de sistematizar a religião, definindo suas principais características e doutrinas. Claro que cada obra seria resultado das influências e experiências vividas por seus autores, que eram compostos de líderes de terreiros, pais-de-santo, praticantes da religião ou apenas jornalistas e curiosos.

Assim, surge um conjunto de narrativas e análises distintas sobre os diversos aspectos da Umbanda, e de sua contraparte “maligna”, a Quimbanda. Um dos principais elementos debatidos por estes autores seria a presença (ou não) de Exu nos rituais umbandistas. Devido ao seu histórico de demonização, já bastante difundido no Brasil neste período, os autores se encontravam mediante um impasse: como justificar a presença de uma entidade considerada demoníaca entre os rituais de uma religião que já era tão combatida pela imprensa e pelo Estado de forma geral?

Diversos intelectuais se dedicaram a responder esta pergunta, procurando os mais díspares caminhos para isto. Desde negar completamente que Exu fizesse parte da ritualística umbandista, jogando-o para a quimbanda, considerada como antro de praticantes da “magia negra”, até a aceitação parcial de sua presença, acompanhada de uma relativização desta demonização.

Um dos campos discursivos que mais chama a atenção, porém, foi um que buscou incorporar Exu aos rituais da umbanda e da quimbanda, aceitando a sua demonização, e indo além: demonstrando como e quais tipos de demônios cristãos cada Exu corresponderia. São este conjunto de intelectuais que enfocaremos neste artigo. Tais autores são Aluizio Fontenelle (s.d.), Teixeira Netto (1957) e José Bittencourt (1984). Utilizamos como fonte as próprias obras destes autores, escritas entre os anos de 1950 a 1985.

Tais obras serão analisadas como discursos, ou seja, um conjunto de enunciados e narrativas influenciadas pelo contexto do período, e que ajudaram a formar o que Foucault (2008) chama de “campo discursivo”. Denominamos este campo discursivo

como da “Umbanda ocultista”, devido à sua influência de um outro campo discursivo proveniente do continente europeu, o “ocultismo” de Eliphas Levi, que será melhor detalhado em nosso próximo tópico. Devemos deixar claro que se trata de uma denominação nossa, e não interna dos próprios autores.

Nosso objetivo central aqui é analisar como este campo discursivo, construído por alguns intelectuais da religião umbandista, promoveu uma continuidade do imaginário que associava Exu ao demônio cristão, realizando uma série de associações dos diversos Exus existentes nos terreiros a demônios medievais, retirados diretamente do imaginário cristão da época. Ao mesmo tempo eles realizam uma ressignificação dos próprios conceitos de bem e de mal, colocando tais Exus como praticantes do mal sim, mas de um mal justificado que, em última instância, visava a realização de um bem, como veremos.

O Ocultismo de Eliphas Levi

A tentativa de justificar a presença de Exu nos rituais umbandistas, diante da demonização existente, levou alguns autores a aceitar esta demonização. Para explicá-los, tais autores foram buscar na demonologia da época as chaves explicativas que permitiram a eles desvendar os mistérios da entidade Exu cultuada nos terreiros de Quimbanda. Exu seria associado aos demônios orientais, desenvolvidos nas várias civilizações da antiguidade e presentes em complexos modelos explicativos escritos no período medieval europeu.

A influência de livros ocultistas se faz notar nas obras destes autores, e é resultado da presença cada vez maior de obras de autores europeus que aportavam no Brasil desde o início do século. Muitos destes autores procuravam mesclar às práticas umbandistas toda uma gama de conhecimentos provenientes de uma literatura mágica que crescia rapidamente no país no início do século. Tal literatura compreende, além das obras teosóficas¹, uma série de livros sobre rituais ocultos de magia e feitiçaria, com pretensas origens medievais, atualizados sob novas roupagens e linguagens. Os chamados “grimórios”, livros que continham fórmulas mágicas e rituais de feitiçarias, para os mais diversos objetivos eram bastante comuns na Europa moderna (nos séculos

¹ A Teosofia foi uma corrente filosófica e espiritualista, desenvolvido por Helena Blavatsky, que trazia diversos conceitos esotéricos orientais, oriundos principalmente de religiões como o Hinduísmo e o Budismo, e foi bastante difundida no ocidente no início do século XX (Silva, 2009).

XVII e XVIII). Como era de se esperar, a Igreja Católica condenava o uso de tais obras, o que não impediu, porém, que elas circulassem entre a população de forma secreta.

Entre os mais famosos grimórios existentes estão, por unanimidade: *As Clavículas de Salomão* (presente em nosso conjunto de edição popular, hoje), *O Grimório do Papa Honório*, *O Enchiridion do Papa Leão*, *Os Segredos do Grande e do Pequeno Alberto*, que tanto circulou nas edições francesas. A preferência por papas é também uma questão de legitimar a magia em personagens poderosos, sendo os mais visados Santo Leão, o Grande, e Silvestre II, qualificados de grandes mágicos (Ferreira, 1996, p. 46, *grifos da autora*).

A partir do século XIX, toda esta literatura seria retomada a partir dos escritos de Alphonse Louis Constant, que ficou mais conhecido pelo pseudônimo de Eliphas Levi. Levi foi um seminarista francês que, após se desiludir com a igreja, teria passado a pesquisar a cabala, antiga tradição esotérica judaica, tendo escrito várias obras sobre estes conhecimentos mágicos e ocultos. Surge a partir daí o termo “ocultismo” (Ferreira, 1996). Tanto as obras de Levi quanto os antigos grimórios medievais tinham uma relação bastante íntima com o satanismo. A magia pregada nestas obras incorporava o próprio pensamento cristão medieval a seu respeito: ou seja, ela absorvera a noção de que a prática da magia era essencialmente uma prática maléfica, e estava diretamente relacionada aos pactos demoníacos, como atesta Jerusa Ferreira (1996, p. 45-46):

Neles encontramos sempre e explicitamente referências à cabala e à tradição judaica, misturando-se à magia um apelo a escrituras indecifráveis. Estão aí contidos princípios de “diabolismo”, materiais recolhidos a partir de toda uma tradição da *Teufelliteratur*, e como seria de se esperar, há nos novos grimórios a evocação das narrativas célebres e lendárias de Johannes Faust (*grifos da autora*).

Tal literatura chegaria ao Brasil no início do século XX, e se popularizaria entre os adeptos das religiões esotéricas, incluindo aí a Umbanda. Os adeptos desta “Umbanda ocultista” acabavam por se fundamentar em vários destes grimórios e livros de magia, trazendo para seus escritos suas influências. As associações dos saberes umbandistas com os conhecimentos do ocultismo chegavam ao ponto de sincretizar os Exus com os demônios ocultistas, gerando uma extensa hierarquia entre estas entidades, como veremos adiante.

O discurso produzido aqui seria o da aceitação da identificação de Exu com o Diabo cristão realizada pelos missionários católicos em África e mantida pelos primeiros estudiosos das religiões afro-brasileiras, especialmente Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Mas estes teóricos vão além, e elaboram uma complexa rede explicativa para a demonização destes exus, criando inclusive uma extensa hierarquia entre os mesmos. O pioneiro desta visão seria Aluísio Fontenelle (s/d., p. 18), o mais importante defensor da correspondência entre exus e demônios. Na contramão das visões que procuravam

relativizar a condição maléfica dos Exus, ele lança em 1950 a obra *A Umbanda através dos séculos*, visando “deitar por terra e discordar por completo, de todas as teorias e conceitos que da Umbanda fizeram e fazem (...) certos Umbandistas”. O autor deixa claro que a obra é fruto de suas “próprias convicções”, a partir do estudo apenas de “obras consideradas de grande valor científico”.

Outro importante intelectual desta corrente que se dedicou a escrever sobre a religião Umbandista foi Teixeira Neto (1957). Sua bibliografia é bastante extensa, tendo escrito, além de em seu próprio nome, sob os pseudônimos de “Antônio de Alva, Lúcius, Alvarino Sevla e Antônio Pescador” (Alva, s/d., p. 10). Sua primeira obra foi lançada em 1957, denominada *Umbandismo*. Tal termo é utilizado pelo autor para se referir às práticas umbandistas como um todo, tanto da Umbanda propriamente dita quanto da Quimbanda. Em meados da década de 70 surgiria outra importante obra a se dedicar ao reino dos Exus. Trata-se de *No Reino dos Exus*, de José Bittencourt (1984), que resgata uma visão negativa a respeito destas entidades, na contramão do que vinha sendo defendido por muitos autores deste período.

Origens da Umbanda segundo os autores

Inicialmente, o discurso da “Umbanda ocultista” considera tanto a Umbanda quanto a Quimbanda como parte do mesmo grupo religioso. Teixeira Neto (1957, p. 24), por exemplo, faz a seguinte divisão das práticas espíritas:

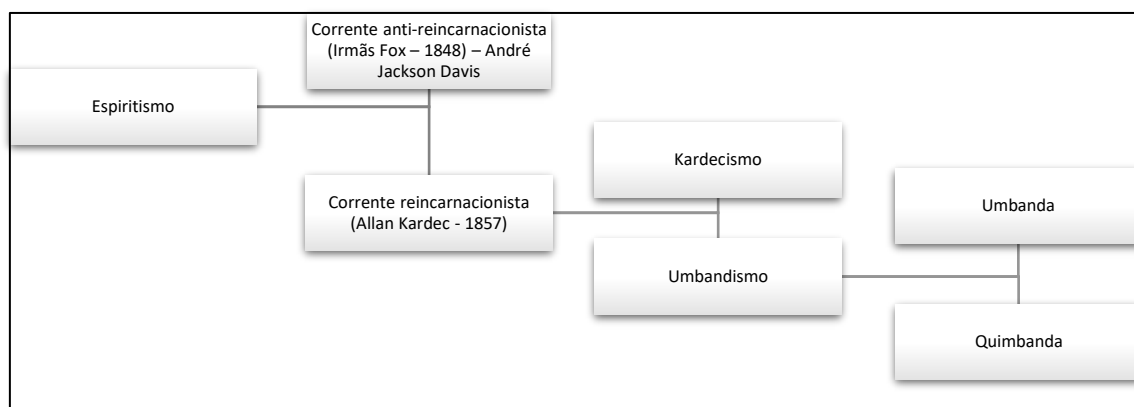


Figura 1 – Divisão das Práticas espiritualistas

Fonte: TEIXEIRA NETO, 1957, p. 24

O Espiritismo seria dividido em duas correntes: uma “anti-reincarnacionista” e uma “reincarnacionista”. Esta última por sua vez, se subdividiria entre Kardecismo e

Umbandismo; e o Umbandismo seria dividido entre Umbanda, ou a magia branca, e Quimbanda ou magia negra. Tanto a Umbanda quanto a Quimbanda, portanto, fariam parte do mesmo movimento religioso, separados apenas pelo tipo de trabalhos realizados por cada uma: enquanto a primeira realizaria trabalhos de proteção e cura, a segunda faria qualquer tipo de trabalho, sem impedimentos de ordem moral. Ambos estariam ligados ao espiritismo de Allan Kardec, sendo uma subdivisão do mesmo. Isto vincularia mais uma vez a Umbanda a uma religião mais aceita socialmente, afastando-a das práticas das macumbas e candomblés africanizados. Também a Umbanda seria composta por três aspectos: religião, ciência e filosofia, assim como o espiritismo francês codificado por Allan Kardec no século XIX. Os autores procuravam colocar ambas as religiões em pé de igualdade.

Uma das preocupações iniciais destes autores era em recontar a origem da religião umbandista e seus conhecimentos. Para isto, eles inicialmente tentam explicar a origem da própria palavra Umbanda, que significaria *Luz que vem do pai, Luz Divina* ou *Na Luz de Deus* (Fontenelle, s/d., p. 20; Teixeira Neto, 1957, p. 47-48). Este significado seria proveniente da língua *Palli*, língua indiana na qual teria sido escrita primeiramente a Bíblia e depois traduzida para o hebraico. As palavras *Umbanda* e *Exu* também seriam provenientes desta língua, e constariam na obra do Gênesis original escrito em *Palli*. Após Adão e Eva deixarem o paraíso, os céus teriam se aberto e dele teriam descido “vinús”, espíritos puros de Deus, que teriam transmitido a palavra do criador: “TURIM EVEI, TUMIM UMBANDA, DARMÔS”, que segundo Aluizio Fontenelle (s/d., p. 20) significaria “baixou sobre a face da terra, a luz da Umbanda”. Não há nas obras destes autores qualquer referência bibliográfica que possa informar de onde eles teriam tirado estas informações, que obviamente não se sustentam. Isto porque a maioria dos textos que compõem os cinco livros da Bíblia foram escritos na língua hebraica, e sua primeira tradução para outra língua foi para o grego, edição que ficou conhecida como “Septuaginta” (Kelly, 2008). A língua *Palli*, que os autores atribuem como sendo a língua original da Bíblia, na verdade era uma língua surgida na Índia antiga, derivada do sânscrito, sendo utilizada para escrita dos ensinamentos de Buda em 480 a.C., compondo o chamado *cânone pali* (Redyson, 2014). A confusão feita aqui denota a necessidade de vincular a religião Umbandista a duas das grandes religiões mundiais: o cristianismo e o hinduísmo, assim como demonstrar a antiguidade que os ensinamentos umbandistas em tese teriam. Complementando estas ideias, Fontenelle (s/d., p. 26) afirma caírem em erro os autores que afirmam

[...] que a Umbanda nos foi trazida pelos escravos africanos que aqui aportaram nos meados do século XVI, quando nem ao menos se lembram de que uns pobres escravos, sem a menor formação de cultura, e, praticando algo que nada de semelhante existe no que se pratica atualmente nessa seita, pudessem interferir na concepção de um povo já algo mais adiantado e mais esclarecido [...].

Seguindo esta lógica, o autor reinterpreta toda a história cristã à luz da doutrina espírita. Assim, os profetas seriam médiuns, e a transmissão dos dez mandamentos a Moisés teria sido através da psicografia. Ele explica também a origem do mal e dos Exus, que seriam servos do reino de Satanás e teriam espalhado a maldade pelo mundo. Os homens, por desespero, teriam feito um pacto com Satanás, adorando-o em troca de obter tudo o que desejassem. A palavra Umbanda representaria esta eterna luta entre o bem e o mal: UM significando “uno – Deus – infinito – força do bem – pólo positivo – Eden”, e BANDA significando “divisão – lado aposto [sic] – força do mal – pólo negativo – Reino de Exu” (Fontenelle, s/d., p. 34-35). O paganismo teria sido trazido pelo “povo de Exu”, induzindo a humanidade a adorar deuses de barro, em desobediência às leis divinas. Já as religiões hindus, budistas, confucionistas e o cristianismo teriam consolidado a lei divina, e através dela os conhecimentos da Umbanda (Fontenelle, s/d., p. 36). O autor teria, assim, reinterpretado a teologia cristã sob a ótica umbandista, associando-a ainda aos preceitos de religiões orientais, como o hinduísmo e o budismo; e da Cabala, corrente mágica oriunda do judaísmo. No fundo, o autor faz uma grande mistura de várias destas crenças, relacionando-as todas com a prática da magia e, portanto, com os rituais do que ele considera como “a verdadeira Umbanda”:

Os caracteres infernais dos doze signos do Zodíaco; os Signos cabalísticos de Orion; o Círculo goético das evocações negras e dos pactos; os diversos caracteres infernais tirados de Agripa, de Apono, de diversos engrimanços e das atas do processo de Urbano Grandier, a Chave do Tarô, a Lâmpada, a Espada e a Foice usados como instrumentos mágicos, a Arca, o Carro de Hermes, enfim, uma série de elementos servem de base para as evocações dos praticantes de rituais utilizados nas diversas artes de se praticar a *MAGIA* (Fontenelle, 1966, p. 243, *grifos do autor*).

Ao longo da obra, inúmeras críticas são direcionadas a várias práticas religiosas, inclusive a própria Umbanda. Sobre o Catolicismo, assim se pronuncia o autor: “Hoje, tudo se deturpa... o clero está de mãos dadas com a política, e a figura de Cristo é mercantilizada ignobilmente. O crucifixo é uma verdadeira obra de arte; e os templos são verdadeiras maravilhas, que condizem perfeitamente com os faustosos palácios de Nero” (Fontenelle, s/d., p. 89). As críticas também se dirigem aos kardecistas, pelos preconceitos dirigidos por grande parte deles aos umbandistas. Em determinado trecho, Fontenelle (s/d., p. 83) conclama a todos para que se unam numa “CODIFICAÇÃO perfeita, para que a religião do mundo seja o ESPIRITUALISMO” (*grifos do autor*).

Mas nenhuma crítica é tão contundente quanto as dirigidas à própria Umbanda. Em um capítulo inteiro, o autor se dedica a desmistificar a Umbanda que se praticava na época: “Essa mistura de africanismo, de catolicismo, etc., a que se quer atribuir o nome de *Umbanda*, não passa de uma falta de compreensão e de bom senso (...)” (Fontenelle, s/d., p. 118). Segundo ele, tais misturas se processaram inicialmente nos terreiros dos ex-escravos africanos. Tais práticas eram chamadas de “AMBEQUERÊ-KIBANDA”, expressão que significaria “GRANDES FEITICEIROS”. Anos depois, os negros do Rio de Janeiro aproveitaram apenas a segunda parte do nome, modificando-o para “Quimbanda”, e passaram a praticar apenas a “magia negra” (Fontenelle, s/d., p. 130-131). Seriam cultuados nesta religião apenas as “falanges de Exus, entidades estas dirigidas pelo *Agente Mágico Universal* (Demônio ou Satanaz)” (Fontenelle, s/d., p. 132, *grifos do autor*). Seus praticantes foram classificados por ele como “incultos e maus”. Os rituais desta Quimbanda teriam sido, então, copiados por outros grupos, no entanto utilizados para fazer o bem, e teriam recebido o nome de Umbanda, explicando assim as práticas errôneas que ainda persistem nestes terreiros, uma vez que eles foram copiados das práticas dos negros, que Fontenelle considera como “bárbaras” e “primitivas”. O termo “Ambequerê”, que ele atribui como sendo do culto “gêge”, deve ser corruptela de Averequete, vodun bastante cultuado nos terreiros de origem jeje. No entanto não há qualquer registro na historiografia da junção deste com o termo “kibanda”. Pode-se afirmar, portanto, que há bastantes confusões na obra de Aluízio Fontenelle (s/d.), como foi detectado por inúmeros outros autores umbandistas que se dedicaram a analisar sua obra recentemente (Trindade, 2010).

Inserindo-se no discurso desafricanizante comum a vários autores da época, os autores da “Umbanda ocultista” afirmam não ser a Umbanda de origem africana, considerando os terreiros que praticam estes rituais mais próximos do africanismo como uma falsa Umbanda. Em capítulo intitulado “Como deve ser cultuada a verdadeira Umbanda”, Fontenelle (s/d., p. 154) por exemplo faz questão de trazer o seu “ponto de vista” a respeito de como deveriam ser praticados os rituais desta religião. Reafirmando o combate aos africanismos, ele afirma primeiramente ser necessário a completa separação entre a Umbanda e os rituais dos Candomblés e Quimbandas, aos quais ele classifica como cheios de “fantasias”, “malabarismos” e “palhaçadas”, se referindo à maneira às vezes “espalhafatosa” com que certas entidades incorporam e agem dentro do terreiro. Para ele, os terreiros deviam ser monitorados por uma junta médica, afim de evitar “a questão do animismo ou da fraqueza cerebral” entre os médiuns; e por uma junta policial, para que só pudessem trabalhar ali “indivíduos de moral elevada, para

evitar que pessoas de mau caráter ou condições físicas duvidosas, pudessem intervir e deturpar a perfeita finalidade do trabalho” (Fontenelle, s/d., p. 153). Tal visão de Fontenelle condiz perfeitamente com o imaginário progressista deste período, invocando-se os dois principais discursos em ascensão no país, e que constantemente se chocavam com as práticas das religiões afro-brasileiras: o discurso médico e o policial.

Ao invés de condenar as investidas policiais e científicas dos órgãos policiais contra a Umbanda, a “Umbanda ocultista” exortava estas forças como necessárias para se separar “o joio do trigo”, e assim combater às formas que se considerava como inadequadas de praticar a Umbanda. Para estes autores, os terreiros deviam se adequar ao que se dizia no código penal de 1940, em seus artigos 282 ao 284, para evitar serem enquadrados nos crimes de prática ilegal da medicina, curandeirismo e charlatanismo. Devia-se evitar também as misturas com o catolicismo, abolindo-se o uso de imagens de santos católicos e outros, simplificando-se ao máximo a decoração do templo religioso.

Exu e os demônios ocultistas

Baseado nas ideias de Kardec, Fontenelle (s/d., p. 45-46) faz uma escala de evolução dos espíritos, dividindo-os em três classes: espíritos inferiores ou atrasados; bons espíritos, e espíritos superiores. Na primeira classe estariam os espíritos “maus, ignorantes, sofredores, obsessores, etc.”, que incluiriam “todas as falanges do mal, sob o domínio e direção de Exu-Rei Lúcifer, dotados, entretanto de grande força maléfica”. Percebe-se assim que o autor mantém as interpretações que aproximam Exu do Diabo cristão, sendo ele o responsável por toda a maldade existente no mundo. Esta seria a principal característica deste campo discursivo: a aceitação do caráter demoníaco de Exu e a tentativa de explica-lo a partir de suas características demoníacas. Para isto, os autores desta corrente criam um complexo sistema hierárquico, em que cada Exu cultuado na Umbanda corresponderia a um demônio ocultista. Tal hierarquia foi sistematizada nas obras de Aluizio Fontenelle e posteriormente copiada pelos outros autores desta corrente que vieram depois dele. Segundo estes autores, os Exus e as Pomba-giras integrariam o segundo Reino da Umbanda. O primeiro Reino seria o “Reino de Obatalá ou Reino de Deus”, no qual estariam as entidades consideradas “de luz”, ou seja, as que fazem trabalhos apenas para o bem, divididas em quatro classes principais de espíritos:

- a) “Caboclos” – representam a “energia”;
- b) “Pretos-Velhos” – representam a “humildade”;

c) “Crianças” – representam a “alegria”;

d) “Iaras” – representam a “higiene” (Teixeira Neto, 1965, p. 39).

Tais entidades seriam divididas em sete linhas, vinculadas aos Orixás e entidades da Umbanda: 1ª Linha de Santo ou de Oxalá; 2ª Linha de Iemanjá; 3ª Linha do Oriente ou da Magia; 4ª Linha de Oxoce [sic]; 5ª Linha de Xangô; 6ª Linha de Ogum; e 7ª Linha Africana. O segundo reino citado seria o “Reino de Odum ou Reino de Lúcifer (Maioral)”, onde estariam os espíritos que compõem o grupo dos “missionários do mal” (Teixeira Neto, 1965). Todos estes espíritos fariam parte dos trabalhos da “Quimbanda”, que seria o polo oposto, negativo, da Umbanda: “Justo é, pois, que existindo a Umbanda (a parte boa do Umbandismo), exista a parte má dele, isto é, a Quimbanda” (Teixeira Neto, 1965, p. 31). Assim, a Quimbanda, prática religiosa na qual se cultuam os espíritos dos Exus, seria “o lado negativo, o lado oposto [à Umbanda], com seus dogmas falsos, tendo à sua frente o senhor absoluto das trevas – sua alteza, Lúcifer, também conhecido como O Anjo Belo” (Bittencourt, 1984, p. 14). Assim como a Umbanda, também a Quimbanda teria suas sete linhas, que seriam: “1) Linha das Almas; 2) Linha dos Caveiras; 3) Linha de Malei; 4) Linha de Nagô; 5) Linha de Mossurubi; 6) Linha dos Caboclos Quimbandeiros; 7) Linha Mista” (Teixeira Neto, 1966, p. 106). A primeira delas, a “Linha das Almas” seria onde trabalham os espíritos chamados de “Omulús”; a segunda, também conhecida como “Linha dos Cemitérios”, é chefiada pela entidade denominada “João Caveira”; A “Linha de Malei” é chefiada por “Exu-Rei (O Maioral)”, e “os espíritos que nela trabalham são os conhecidos como ‘Diabos’ no Catolicismo”. Em uma de suas obras Teixeira Neto, sob o pseudônimo de Antônio de Alva (1966, p. 150) dá uma descrição dos exus desta linha:

Os Espíritos que trabalham nessa Linha são os EXUS das encruzilhadas e tem Êles o aspecto do DIABO do Catolicismo. Apresentam-se com chifres, têm pernas e cascos de bode. Uns se apresentam com forma de macacos, outros sob a figura de morcego. Têm sobre a cabeça uma luz avermelhada e sem brilho. Empunham tridentes e os seus chefes usam espada. Provocam vícios como o da embriaguez, do jogo, produzem impotência sexual, sendo também especialistas em assuntos relativos às funções sexuais, unindo e separando casais.

A descrição física dos Exus da Linha de Malei é bastante emblemática. Nela estão presentes várias das características que tradicionalmente se associaram ao Diabo cristão ao longo dos anos, como traços zoomórficos, ou seja, a utilização de partes de animais, especialmente o bode, o macaco e o morcego, a cor vermelha e o uso do tridente. Todos estes elementos foram atribuídos à imagética demoníaca desde o período medieval, como vimos em nosso primeiro capítulo, e aqui são utilizados para ressaltar a associação dos Exus com os demônios do cristianismo. Descrições como estas seriam as responsáveis

por estabelecer uma tradição pictórica na Umbanda que persiste até os dias de hoje, podendo ser encontrada nos inúmeros terreiros de Umbanda e Quimbanda, principalmente nas casas de vendas de artigos religiosos, e diz respeito à caracterização dos Exus e Pomba-gira através de suas estátuas.²



Figura 2 - Escultura em gesso policromado do *Exu Meia-Noite da Calunga*. São João do Meriti, 2009

Fonte: Lopes, 2010, p. 38

² Podemos perceber a influência do imaginário demoníaco de Exu no próprio processo de confecção da estatuária umbandista, uma vez que os fabricantes visam atender às demandas dos terreiros, evocando elementos que os tornem condizentes com as “imagens espirituais” com as quais as entidades se apresentam no culto. Uma análise e discussão deste processo de fabricação das estátuas e sua relação com a imagem dos Exus nos terreiros pode ser encontrada em Lopes, 2010.

As principais representações de Exu encontradas na maioria dos terreiros os trazem caracterizados com elementos demoníacos oriundos da tradição católica, como chifres, rabo, cascos, capa, tridente, caveiras e até a pele vermelha em alguns casos. São frutos destas associações feitas por missionários cristãos e reforçadas por intelectuais que se dedicaram a pesquisar tais religiões, e assumidas como verdadeiras por alguns intelectuais da própria religião, como podemos perceber pela imagem acima (figura 2).

A quarta linha, “de Nagô” trabalha com espíritos chamados de “Gangas, verdadeiros mestres na Magia Negra”; os espíritos da quinta, “Linha de Mossurubi”, “apresentam-se como pretos, provocando doenças, especialmente mentais”; a sexta linha, “dos Caboclos Quimbandeiros” reúne espíritos que se apresentam como caboclos, podendo fazer tanto o bem quanto o mal; por último, a “Linha Mista” é chefiada pelo “Exu dos Rios (Nesbiros)”. Apesar da associação demoníaca atribuída aos Exus, o autor afirma que tais entidades não praticam apenas o mal. Isto depende do tipo de terreiro em que forem chamados, como ele define a seguir:

Com os Espíritos de Quimbanda, de um modo geral, só se pratica o Mal, no entanto, Eles também podem praticar o Bem. Dependerá tão somente de que Os chame e para que se Os chame para trabalhar. Dependem, outrotanto, dos terreiros onde “baixarem” (de Quimbanda ou Umbanda). Eis porque, “embora seguindo caminhos diferentes, a Umbanda e a Quimbanda se completam, em direção a Deus, nosso Pai e Criador” (Teixeira Neto, 1966, p. 108).

Uma passagem interessante em uma das obras de Teixeira Neto (1966) é quando ele analisa as entidades das crianças, tão comuns em vários terreiros de Umbanda, e colocada pela maioria dos autores como um dos três tipos de espíritos principais que baixam nos terreiros, ao lado dos caboclos e pretos-velhos. No entanto, enquanto muitos autores atribuem a elas características como a “ingenuidade” e a “alegria”, o autor aqui analisado as observa sob outros aspectos: da traquinagem e maldade inerentes às mesmas.

Após relatar o caso de uma entidade mirim que teria, literalmente, colocado formiga na cama de uma das médiuns do centro para que esta se levantasse e comparecesse ao terreiro naquela noite, Teixeira Neto (1966, p. 36) afirma que tais espíritos infantis, dentro da classificação de espíritos proposta por ele anteriormente, só podem pertencer à classe dos “espíritos imperfeitos ou – dentro do ponto de vista Umbandista – um dos nossos EXUS”. Prossegue ele, afirmando que “devem tais Espíritos ser classificados entre os por mim chamados de ‘MISSIONÁRIOS DO MAL’”. E conclui dizendo:

No particular, por sinal, a bem da verdade e, por isso mesmo, dentro do objetivo desta nova obra, devo aduzir que, para mim, são tais Espíritos, isto é, os que, como “Crianças”, se manifestam nos “terreiros”, nada mais nada menos do que “Exus” e, portanto, em face do que digo no primeiro Capítulo deste livro: **cuidado com Elas, também!** (Teixeira Neto, 1966, p. 36, *grifos do autor*).

É bastante curiosa tal análise proposta pelo autor. Atribuir aos espíritos das crianças o mesmo caráter dos Exus é promover uma inversão simbólica dos significados atribuídos a cada um destes personagens pela maior parte dos autores umbandistas. Tal fusão entre espíritos de crianças e os Exus, que anteriormente existia apenas em um nível – o dos Exus-mirins – é aqui transposta para toda a falange infantil, e até os espíritos normalmente considerados como sendo da “direita”, ou seja, como benfeitores, são aqui rotulados como malfeitores em potencial. Neste caso, portanto, as imagens evocadas pelo autor são da “delinquência juvenil”, o que os torna potencialmente perigosos. Segundo conceituação de José Bairrão (2004, p. 71), ao analisar o simbolismo em torno dos Exus-mirins na Umbanda:

A imagem que o imaginário umbandista constrói da infância “delinquente” e da rebelião adolescente transmuta experiências de vida infernais em manifestações do sagrado doadoras de benesses. Repete defeitos constatados pelo senso comum que, de Outra perspectiva, se mostram qualidades.

A mesma imagem encontramos na análise de Teixeira Neto a respeito dos espíritos infantis. A malignidade desses espíritos é atestada por ele e atribuída a seu caráter de “espíritos imperfeitos”, o que, pela sua ignorância, os coloca como “mensageiros do mal”. Daí decorre o efeito “perigoso” de suas manifestações nos terreiros, sendo necessário inclusive admoestações por parte do autor para que os umbandistas “tomem cuidado” com as entidades infantis, o mesmo cuidado tomado ao se trabalhar com os Exus e as Pomba-gira.

Para explicar a existência dos Exus e Pomba-gira e seu culto nos rituais da Quimbanda, os autores da “Umbanda ocultista” recorrem à obra de um dos mais importantes ocultistas europeus do século XX. Trata-se de Eliphas Levi (s/d.1), que desenvolve em suas obras o conceito do “Agente Mágico Universal”:

O grande agente mágico, que denominamos luz astral, que outros chamam a alma da terra, que os antigos químicos designavam sob os nomes de Azoth e Magnésia, esta força oculta, única e incontestável é a chave de todos os impérios, o segredo de todos os poderes; é o dragão volante de Média, a serpente do mistério Edênico; é o espelho universal das visões, o laço das simpatias, a fonte dos amores, da profecia e da glória. Saber apoderar-se deste agente é ser depositário do próprio poder de Deus; toda magia real, efetiva, todo o verdadeiro poder oculto. Está aí, e todos os livros da verdadeira ciência só têm o fim de o demonstrar (Levi, s/d.1, p. 116).

Este agente mágico seria uma espécie de “força oculta” criada por Deus e que age através de forças que Eliphas Levi denomina de “magnetismo”. Ele não seria propriamente um ser, mas uma espécie de “energia consciente” existente na natureza, e que, com os materiais e a ritualística corretas, o mago poderia controlar para atender seus desejos, seja para o bem, seja para o mal. Em capítulo que trata da “magia negra”, Levi associa este agente universal ao próprio Diabo cristão. Os magos negros se utilizariam deste agente universal para realizar seus trabalhos. Assim, “o diabo, em magia negra, é o grande agente mágico empregado para o mal por uma vontade perversa” (Levi, s/d.1, p. 139). Segundo ele, o que os cristãos se acostumaram a chamar de Diabo, nada mais é que o agente universal em sua forma pura, ou seja, sem a inteligência humana para controlá-lo:

O agente universal é a força vital e subordinada à inteligência. Abandonado a si próprio, devora rapidamente, como Moloch, tudo o que gera, e transforma em vasta destruição a superabundância da vida. É, então, a serpente infernal dos antigos mitos, o Tífon dos egípcios e o Moloch da Fenícia; mas, se a sabedoria, mãe dos Eloim, coloca-lhe o pé sobre a cabeça, extingue todas as chamas vomitadas por ele e derrama sobre a terra, a mãos cheias, uma luz vivificante (Levi, s/d.2, p. 80).

Há aqui uma atualização das crenças medievais e coloniais a respeito da figura do Diabo. Não mais encarado como o “mal absoluto”, mas sim como uma força ou ser capaz de atender aos desejos humanos, desde que devidamente coagido pelos rituais mágicos corretos. Da mesma forma acontece com Exu, que atende aos nossos desejos através dos “despachos” e “ebós”, rituais que visam fornecer o pagamento a eles por um trabalho realizado. A correspondência entre Exu e o Diabo, portanto, se estabelecia nestes termos. Tais seres se encontrariam no segundo Reino, no qual estariam classificados os “agentes do mal”, ou seja, o “Povo de Exu”, liderados por Lúcifer. Cada Exu é assimilado a um demônio ocultista, copiados dos livros de magia e grimórios que haviam se popularizado por aqui³ (Ferreira, 1996). Para melhor compreendermos a visão do autor a respeito desta entidade reproduzimos aqui um organograma representando a hierarquia do “Povo de Exu”:

³ Os nomes dos demônios associados aos Exus utilizados por Fontenelle (s/d.) e transcritos pelos demais autores foram copiados do livro “Grimório do Papa Honório” (Grimório, 1760), um livro de magia atribuído ao Papa Honório I, e que traz uma série de conjurações de demônios para cada dia da semana. Tal lista teria sido copiada em vários outros grimórios, como o *Grimorium Verus* por exemplo: “Segunda-feira = Lúcifer; terça-feira = Nambroth (ou Frimost); quarta-feira = Astaroth; quinta-feira = Acham (alternativamente Silcharde); sexta-feira = Bechet (alternativamente Bechard); sábado = Nabam (alternativamente Guland); e domingo = Aquiel (alternativamente Surgat)” (*Grimorium*, 1517, p. 75, nota 55).



Figura 3 – “ORGANOGRAMA DAS FALANGES DO POVO DE EXU”

Fonte: Fontenelle, s/d., p. 167⁴

Em outro organograma, desta vez somente com as falanges de Exus que trabalham nos cemitérios, sob as ordens de “Omulu ou Omulum”, tais autores complementam o anterior:

⁴ Apresentamos aqui os organogramas retirados das obras de Aluizio Fontenelle, no entanto deixamos claro que eles aparecem também, de forma idêntica, nas obras de Teixeira Neto e José Bittencourt.

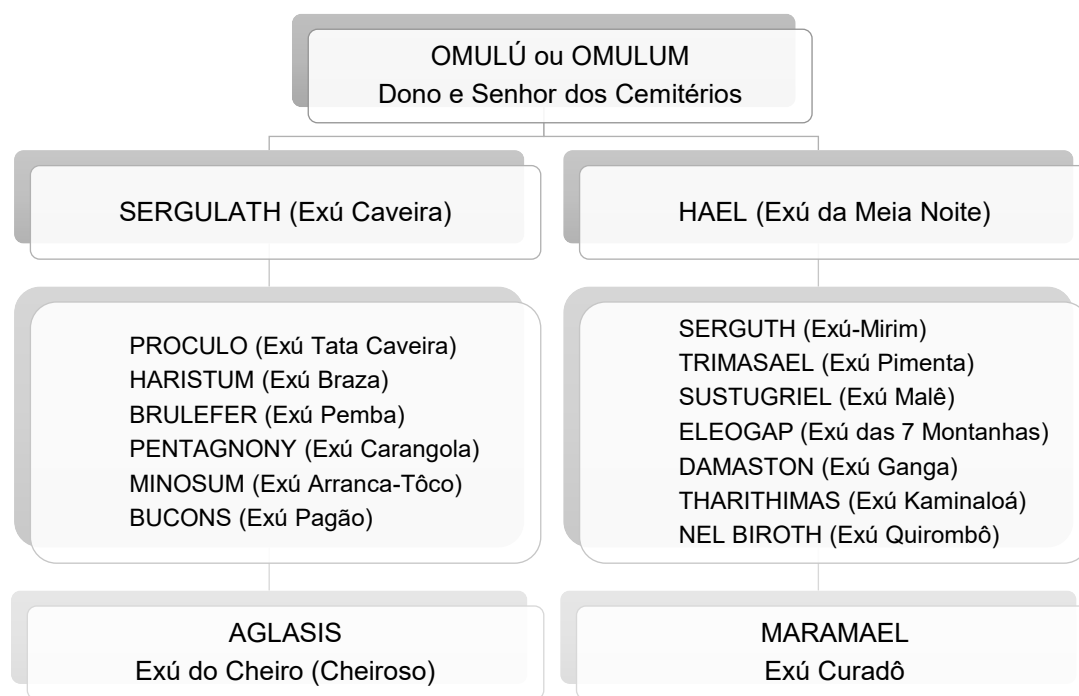


Figura 4 – “ORGANOGRAMA DAS FALANGES DE EXUS QUE TRABALHAM SOB AS ORDENS DE OMULU (ou OMULUM)”

Fonte: Fontenelle, s/d., p. 168

Percebemos assim que os autores da “Umbanda ocultista” mantêm ainda o discurso de associação de Exu com o Diabo cristão. Em outra obra dedicada apenas a estas entidades, Fontenelle detalha melhor este organograma, analisando as características de cada um destes demônios-exus. Na introdução desta obra, intitulada apenas *Exu*, ele assim se refere a esta entidade:

O Exu é em via de regra interesseiro, e, se lhe damos um presente, fatalmente êle irá cumprir o que pedimos, pouco se importando o que o resultado bom ou mau possa representar no *MUNDO TERRENO*, pois que, só lhe apraz fazer o que está errado, e é para isto que eles existem, pelo fato de que a humanidade pecadora não é merecedora de grandes louvores e honrarias (Fontenelle, 1966, p. 88, *grifos do autor*).

Tal transcrição é rica em significados. Primeiramente ele atesta a característica interesseira dos Exus, sempre dispostos a aceitar presentes em troca de seus serviços, sejam eles quais forem. Não se constroem, por isso, em aceitar fazer o mal a outra pessoa, e pelo contrário, até sentem prazer nisso, afinal, “é para isto que eles existem”. Aqui ele atribui um caráter predominante maléfico a ele, afirmando que “só lhe apraz fazer o que está errado, e é para isto que eles existem”. Por fim, atribui a existência dos Exus à maldade humana, ou seja, ele seria uma espécie de agente universal responsável por punir os pecados dos homens, assim como o era o Diabo nos primórdios do cristianismo. No entanto, para justificar os trabalhos existentes da Quimbanda, alguns

autores recorrem a uma relativização destes conceitos de bem e mal. Em uma história contada em um de seus livros, Teixeira Neto (1965, p. 36) retrata o caso de um rapaz que chegou a seu centro com uma “úlceras na perna”, ocasionada por uma ferida causada por um “trabalhador perigoso da Magia Negra”. Para desmanchar este trabalho o terreiro do autor recorreu ao espírito que causara aquela ferida, um Exu denominado “Ganga Sete Chifres”, que teria justificado desta forma a maldade cometida:

“Não, não sou mal. Sou bom, muito bom, ao contrário. Se eu não fizesse isso (referia-se ao mal de que padecia o rapaz) a esse moleque, ele não viria a este ‘canzo’ (C.E. Caminheiros da Verdade) formoso e você não diria a ele que ele não presta, que é mau e tem de consertar a “camotinga” (a cabeça) e mudar de vida. O que eu estou é fazendo um benefício a ele à minha moda...” (Teixeira Neto, 1965, p. 36).

Percebe-se assim uma relativização dos conceitos de “bem” e “mal”. O mal realizado pelos Exus e trabalhadores da Quimbanda é um mal justificado, pois ele visa, ao final de tudo, um bem. Seria a teoria de que “os fins justificam os meios”. Tais espíritos se submeteriam, portanto, “voluntária e espontaneamente” à missão de praticar o mal para “fazer indiretamente o bem” (Teixeira Neto, 1965, p. 34). Ele conclui dizendo que a Quimbanda existe para que, “conhecendo e sofrendo o mal, possa a criatura humana cumprir com a Lei de Deus” (Teixeira Neto, 1965, p. 36). Assim, a Quimbanda seria a executora divina das leis de Deus, e suas ações maléficas teriam por objetivo levar a humanidade à compreensão destas leis, através do sofrimento. Não seria um caráter meramente punitivo, como colocado por outros autores anteriores, mas sim um caráter de expiação, bem próximo da filosofia kardecista de “evolução através da dor”. O mal praticado pela Quimbanda e seus Exus estaria assim justificado, pois se encaixaria num plano maior, cujo objetivo final seria a evolução moral humana. Mesmo assim, admite-se aqui a malignidade dos rituais da Quimbanda e dos Exus, ao contrário de outros campos discursivos, como veremos.

Relativizações deste tipo são bastante comuns no âmbito das religiões afro-brasileiras. Vários umbandistas afirmam que, ao contrário do cristianismo, os terreiros de Umbanda e Candomblé promovem uma relativização dos conceitos de bem e mal, considerando-os sempre em relação a algo ou alguém. Assim, não existiria o mal absoluto, mas situações que podem ser interpretadas como mal ou bem dependendo do ponto de vista. Os exus, assim como uma interpretação popular do Diabo cristão, seriam os representantes máximos deste tipo de situação.

A vivência popular do diabo não o associa propriamente a uma instância metafísica do mal, salvaguardando-o como representante e advogado de bens e prazeres pessoais e imediatos que, por razões o mais das vezes incompreendidas,

são proibidos em função de interesses alheios aos dos indivíduos (embora habitualmente legitimados em função do "seu" bem). Por vezes os interesses de distintas pessoas ou grupos são antagônicos e é neste caso que o bem alheio pode ser sentido como um mal pessoal (nunca um Mal absoluto) (Bairrão, 2002, p. 60).

O que pode ser um bem para uma determinada pessoa, pode ser encarado como um mal para outra. Ao ir a um terreiro pedir para que se arranje um emprego, a solução de tal problema pode implicar na perda do emprego por parte de uma outra pessoa. É neste campo difuso e sombrio que atuam os Exus. Além disso, eles costumam lidar com situações que, em outras religiões, especialmente as cristãs, são vedadas ao campo religioso: a sexualidade, o dinheiro, o poder, enfim, coisas mais relacionadas ao lado mundano da humanidade.

A esquerda umbandista não guarda o mal metafísico. Apenas o pessoal e socialmente "mal dito": a sensualidade, a revolta, a crítica mordaz, as falas inconvenientes, a falta de hipocrisia, o prazer sem mordanças... [...] Os exus não são maus, embora assim possam ser (mal) vistos. São a resposta ao Mal como expropriação de si em prol de um bem do outro. Vozes proféticas dos interesses materiais e pessoais, estes mensageiros têm o valor de sinal psicológico de reconhecimento e de admissão de si (Bairrão, 2002, p. 64).

A quimbanda, portanto, buscaria lidar com um lado humano pouco explorado. Seria ela a representante dos interesses mundanos, "materiais e pessoais". Eles podem até fazer o que seria considerado algo ruim em um primeiro momento, mas suas ações em última instância visam apenas o nosso bem. Assim, ao atender o pedido de alguém que vise prejudicar a outra pessoa, Exu está apenas fazendo com que a pessoa prejudicada, a partir do mal a ela realizado, perceba seus erros e busque corrigi-los. Tudo ocorre apenas para sua evolução. Ao invés de negar as práticas maléficas dos Exus, Teixeira Neto prefere aceitá-las e explica-las de forma relativizada.

Após estas relativizações, podem os autores, inclusive, reforçar a associação existente entre Exu e o Diabo cristão, visto agora sob outra ótica. O supremo chefe da falange de Exus, o "Exu-Rei" ou "Maioral", seria o mesmo que é conhecido no catolicismo como "Lúcifer, Diabo, Satanaz, Capêta, Tinhoso, etc.". Tanto Fontenelle (1966, p. 91), quanto Teixeira Neto (1965, p. 68) e José Bittencourt (1984, p. 15-16) vinculam a lenda de Lúcifer, o Anjo Decaído, aos próprios Exus, que seriam subordinados a ele. Esta lenda é recontada em detalhes em vários destes livros, com ligeiras variações, afirmando que Lúcifer, o anjo mais belo de Deus, teria se corrompido e cobiçado estar acima do próprio Deus, sendo por isto punido pelo criador e lançado às profundezas da Terra. Uma destas variações é encontrada na obra de Teixeira Neto, na qual o autor contraria as escrituras católicas de que este "anjo" criado por Deus teria se rebelado contra Deus, pois se Deus

criou os querubins como espíritos puros, aceitar a história de Lúcifer seria afirmar que “havia, entre os puros, um Espírito Impuro” (Teixeira Neto, 1965, p. 72), o que levaria, segundo sua lógica, a desconfiarmos da onisciência deste Deus. Ao negar a história cristã, Teixeira Neto (1965, p. 73) oferece uma outra explicação para a existência de Lúcifer ou Exu: a de que Deus teria criado “tanto os Puros como os Impuros, o bem como o mal”, inclusive o “próprio Lúcifer com tudo o que a Ele pertença ou se venha a atribuir”. Os motivos para a criação, por parte de Deus, do mal, seria a dualidade de que se constitui a perfeição:

Perfeição, para ser, “in facto”, Perfeição, inclui, antes de tudo, os dois opostos – que se completam para A formar – o Bem e o Mal. Para nós, portanto, o Diabo, Satanás, Capeta, Demônio, “Exu”, ou como se o quiser chamar, nada mais é do que uma criação divina, necessária, indispensável e oportuna, lógica e aceitável, justa, boa e perfeita, como todas as demais, divinas que o são, divina que o é, ela também (Teixeira Neto, 1965, p. 73).

Ele aceita, portanto, todas as atribuições feitas a Exu pelos diversos autores que se dedicaram a analisá-lo e enxergaram nele a correspondência do Diabo como é concebido na teologia cristã. No entanto, promove uma ressignificação da origem deste personagem e o coloca como parte dos “planos de Deus”, cumprindo assim um objetivo junto à humanidade: a função de nos fazer enxergar, através da dor e do sofrimento, o “caminho do bem”. Os Exus, portanto, seriam entidades maléficas e demoníacas, que fazem trabalhos para o mal para nos fazer cumprir nosso karma pessoal, ou seja, fazendo-nos resgatar nossos erros cometidos nesta ou em outras vidas. Eles não realizariam trabalhos para o bem, a não ser em casos específicos em que são obrigados pelo *criador* a “colaborar com os *Orixás da Umbanda* nos diversos trabalhos de magia, para o desmanche dos seus próprios malefícios” (Fontenelle, 1966, p. 103, *grifos do autor*). Neste caso eles seriam considerados como “escravos dos Orixás”, e seria a única forma de se realizarem trabalhos que visem algum bem para a humanidade, mas um bem relativo, uma vez que eles apenas reparam o mal praticado por eles mesmos injustamente.

Todas estas características se aplicam também às entidades das Pomba-gira, que, no entanto, aparecem bem pouco nas obras destes intelectuais. Um dos únicos a citá-la é Aluizio Fontenelle (1966, p. 140), que a explica como correspondente do demônio cabalístico Klepoth, e representa “a maldade em figura de mulher”. A descrição desta entidade é bastante curta, assim como a dos demais Exus citados nos organogramas transcritos acima:

POMBA GIRA encarrega-se da vingança, pactuando com as mulheres feiticeiras contra as suas inimigas. Todos os trabalhos inerentes a casos de amor, nos quais a mulher se sente prejudicada, ou então pretende realizar qualquer

união, são entregues a POMBA GIRA, e os seus resultados são de fato surpreendentes, pelo fato de possuir essa entidade um grande poder (Fontenelle, 1966, p. 141, *grifos do autor*).

A representação da Pomba-gira feita por Fontenelle segue o mesmo padrão dos demais Exus analisados por ele em sua obra, ou seja, trata-se de uma entidade maléfica, correspondente a um dos demônios cabalísticos. Sua área de atuação, no entanto, seria a dos “casos de amor”, cuidando ela de auxiliar nos relacionamentos amorosos e na área sexual, auxiliando especialmente as mulheres que tem problemas em seus relacionamentos.

Considerações finais

Como pudemos apreender das obras que compõem o campo discursivo da “Umbanda ocultista”, ela se caracteriza especificamente pela continuidade da associação dos Exus com o Diabo cristão. Este integraria as cortes demoníacas por excelência, sendo o próprio Lúcifer considerado como o chefe máximo dos Exus. Estas seriam entidades intrinsecamente maléficas, que se comprazem em realizar o mal à humanidade, e que somente podem fazer algum bem se devidamente obrigados pelas entidades da linha branca, mas mesmo assim o único bem que podem realizar é o desmanche do próprio mal cometido por eles.

Mantinha-se assim o discurso demonizador deste personagem, dando continuidade ao imaginário construído ao longo dos últimos séculos tanto pelos viajantes europeus e americanos que passaram pelo continente africano quanto pelos primeiros pesquisadores brasileiros que escreveram sobre as religiões afro-brasileiras. Tais discursos seriam aos poucos modificados por outros autores, que construiriam outras visões a respeito desta entidade (Nogueira, 2022).

Tais discursos não podem ser encontrados nos terreiros de forma pura, e deixamos claro aqui que o que chamamos de “Umbanda ocultista” não se trata de uma modalidade prática de Umbanda encontrada nos terreiros. Trata-se apenas de uma análise da Umbanda do ponto de vista intelectual, de um conjunto de obras que se dedicaram a analisar as características da religião umbandista em um período determinado. As influências destes discursos na prática umbandista é uma influência apenas difusa, com alguns destes conceitos e ideias sendo defendidos por determinados adeptos, como a ideia de ser Exu um agente neutro, ou as representações imagéticas demoníacas observadas nas estátuas de Exus presentes nos terreiros.

Between Exu and the Devil: The Discourse of “Occultist Umbanda” in Literature and the Continuity of Demonization

Abstract: This study analyzes the construction of a discursive field that we term “Occultist Umbanda,” formed between the 1950s and 1980s by Umbanda intellectuals such as Aluizio Fontenelle, Teixeira Neto, and José Bittencourt. Influenced by European esoteric currents and the occultist literature of Eliphas Levi, these authors developed narratives that associated Exu with the Christian Devil, reinforcing a long-standing tradition of demonizing this entity that can be traced from colonial accounts to the earliest scholarly studies of Afro-Brazilian religions. Through an analysis of their works, we observe the systematization of demonological hierarchies and an effort to legitimize the presence of Exu and Pomba-gira in the rituals of Umbanda and Quimbanda. The study demonstrates how this discourse both sustained a negative imaginary surrounding Exu and introduced relativizations of the concepts of good and evil, interpreting the practice of evil as a means toward the realization of good. Ultimately, the article concludes that “Occultist Umbanda” does not correspond to a consolidated ritual practice in religious communities, but rather to an intellectual elaboration that illustrates the tensions between popular religiosity, European occultism, and the social conflicts surrounding Afro-Brazilian religions in Brazil.

Keywords: Umbanda. Quimbanda. Exu. Occultism.

Entre Exu y el Diablo: El discurso de la “Umbanda ocultista” en la literatura y la continuidad de la demonización

Resumen: En esta investigación analizamos la construcción de un campo discursivo que denominamos “Umbanda ocultista”, conformado entre las décadas de 1950 y 1980 por intelectuales umbandistas como Aluizio Fontenelle, Teixeira Neto y José Bittencourt. Estos autores, influenciados por corrientes esotéricas europeas y por la literatura ocultista de Eliphas Levi, elaboraron narrativas que asociaron a Exu con el Diablo cristiano, reforzando una tradición de demonización de esta entidad presente desde los relatos coloniales hasta los primeros estudios sobre las religiones afrobrasileñas. A partir del análisis de las obras de estos intelectuales, observamos la sistematización de jerarquías demonológicas y el intento de justificar la presencia de Exu y Pomba-gira en los rituales de la Umbanda y de la Quimbanda. El estudio evidencia cómo este discurso promovió tanto la continuidad del imaginario negativo en torno a Exu como relativizaciones de los conceptos de bien y mal, interpretando la práctica del mal como un medio para la realización del bien. Finalmente, se concluye que la “Umbanda ocultista” no corresponde a una práctica ritual consolidada en los terreiros, sino a una elaboración intelectual que ilustra el enfrentamiento entre la religiosidad popular, el ocultismo europeo y las tensiones sociales en torno a las religiones afrobrasileñas en Brasil.

Palabras clave: Umbanda. Quimbanda. Exu. Ocultismo.

Referências

ALVA, Antônio de. **Exu** – o gênio do bem e do mal. Rio de Janeiro: Espiritualista, s/d.

ALVA, Antônio de. **Como desmanchar trabalhos de Quimbanda** (Magia Negra), Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1966.

BAIRRÃO, José F. M. H. Subterrâneos da submissão: sentidos do mal no imaginário umbandista. **Memorandum**, n. 2, p. 55-67. Belo Horizonte/Ribeirão Preto: UFMG, USP, 2002.

BAIRRÃO, José F. M. H. Sublimidade do Mal e Sublimação da Crueldade: Criança, Sagrado e Rua. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 17 (1), p. 61-73. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004.

BITTENCOURT, José M. **No reino dos Exus**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1984.

FERREIRA, Jerusa P. Livros e leituras de magia. **Revista USP** (31), setembro/novembro 1996, p. 42-51. São Paulo: USP, 1996.

FONTENELLE, Aluizio. **A Umbanda através dos séculos**. Rio de Janeiro: Espiritualista, s/d.

FONTENELLE, Aluizio. **Exu**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Espiritualista, 1966.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GRIMÓRIO do **Papa Honorius**, com uma coleção de segredos raros. Roma, 1760. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/113296889/Grimorio-do-Papa-Honorius-Final#scribd>. Acesso em: 09/03/2016.

GRIMORIUM Verum ou **O Verdadeiro Grimório**. Traduzido do Hebraico por Plaingière - Jesuíta Dominicano. Publicado originalmente por Alibeck, o Egípcio. Memphis, 1517. Disponível em: http://pt.slideshare.net/Ally_Wes/grimrium-verum. Acesso em: 09/03/2016.

KELLY, Henry A. **Satã: uma biografia**. São Paulo: Globo, 2008.

LEVI, Eliphas. **Dogma e ritual da alta magia**. Publicado originalmente em 1855. S/d.1. Disponível em: <http://hadnu.org/publicacoes/19-dogma-e-ritual-de-alta-magia.pdf>. Acessado em: 23/03/2016.

LEVI, Eliphas. **A chave dos Grandes mistérios**. S/d.2. Disponível em: http://www.luzdegaia.org/downloads/livros/diversos/A_Chave_dos_Grandes_Misterios_Eliphas_Levi.pdf. Acessado em: 23/03/2016.

LOPES, Tadeu M. S. **Encruzilhadas da cultura: imagens de Exus e Pombajiras [sic] na Umbanda**. Dissertação (Mestrado em Artes). Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

MAGGIE, Yvonne. **Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

NOGUEIRA, Léo Carrer. **Da África para o Brasil, de Orixá a Egum: as ressignificações de Exu na literatura umbandista**. [E-Book]. Goiânia: Editora UFG, 2022.

REDYSON, Deyve. Budismo: da Índia para o mundo. O Buddha, o Dharma e o Sangha. **REVER** - Revista de Estudos da Religião, v. 14, n. 1. São Paulo: PUC-SP, 2014.

SILVA, Marcos J. D. **Moderno-espiritualismo e espaço público republicano –** maçons, espíritas e teosofistas no Ceará. Tese (Doutorado em Sociologia). Fortaleza: UFC, 2009.

TEIXEIRA NETO, Antônio A. **Umbandismo**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora Ltda., 1957.

TEIXEIRA NETO, Antônio A. **Umbanda dos Prêtos Velhos**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1965.

TEIXEIRA NETO, Antônio A. **Pomba Gira** (As duas faces da Umbanda). Rio de Janeiro: Editora Eco, 1966.

TRINDADE, Diamantino F. **A construção histórica da literatura umbandista**. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2010.

Sobre o autor

Léo Carrer Nogueira – Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Recebido para avaliação em maio de 2025

Aprovado para publicação em outubro de 2025